

A presentificação e a memória efêmera nas mídias sociais¹

Pollyana Ferrari²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo

No atual século XXI as sociedades confrontam-se com mudanças comportamentais aceleradas e desencadeadas pela sociedade da informação. Essas mutações impõem a necessidade e a urgência de repensar o tempo presente e a memória. A presentificação pode ser percebida em vários momentos da nossa vida atual, sejam nos vídeos ao vivo das coberturas culturais, na febre do Snapchat, na timeline do Facebook ou na guinada das emissoras de televisão em busca dos programas ao vivo. Estamos deixando de armazenar para recordar no futuro; trocando tudo apenas pelo vivenciar. Vivencio, logo existo.

Palavras-chave: narrativa, efêmero, tempo, presentificação, comunicação.

“Penso, logo existo”, frase dita pelo filósofo francês René Descartes e imortalizada no filme *Blade Runner*, popularizou uma discussão sobre a máquina inteligente na década de 1980 e a essência do humano ligada ao pensar. No presente do século XXI, trocamos pelo vivencio, logo existo. A informação não é mais um privilégio ou luxo, mas uma necessidade. O processo de comunicação está relacionado de modo íntimo com o macromercado de seres humanos que precisam de informação e comunicação todos os dias, da mesma maneira que precisam do ar que respiram. A sociedade atual se move em torno das pessoas, das suas histórias, de seus costumes e das suas experiências de vida no presente. *In Limbo* é um documentário sobre nossa memória interligada global. À deriva, está memória gigante, na nuvem, explora seus próprios sonhos e medos. A narradora Nancy Huston, com sua voz sensual, vai mostrando como os grandes datacenters se transformaram nesta memória gigante que tudo vê. Estamos construindo coletivamente uma nova catedral

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 06 a 08 de julho de 2016.

² Profa. Dra. Programa Tecnologias da Inteligência e Design Digital da PUC-SP, e-mail: pollyana.ferrari@gmail.com

do saber? Ou estamos construindo um gigantesco cemitério de dados? Perguntam os diretores do documentário previsto para ser lançado ainda em 2016. O projeto interativo inlimbo.tv também tem um website onde podemos participar da obra colocando nosso nome e sobrenome numa caixa de busca similar à do Google e em seguida escolher qual rede social queremos varrer: *Instagram, Twitter, Facebook, LinkedIn*, webcam, geolocalização etc. Em segundos, seus dados começam a aparecer na tela.

Andy Warhol dizia querer inventar um novo tipo de *fast food* e estava pensando como seria uma coisa de *waffles* que tenha a comida de um lado e a bebida de outro – como presunto e coca-cola. Você poderia comer e beber ao mesmo tempo³. Vivenciaríamos uma multiplicidade de ações. As trezentas polaroides produzidas pelo artista entre 1969 e 1986 nos dão uma ideia, às vezes sutil, outras vezes explícita, do seu modo de ver o futuro. Novos meios e interatores, alta saturação das mídias tradicionais e consumidores cada vez mais imersos na presentificação faz com que o advento da multitarefa, sonhado por Warhol, até pareça infantil perto do presente efêmero em que vivemos. Warhol idealizou um *fast food* capaz de agregar vários tempos na mesma proposta midiática. O que ele não vivenciou foi a presentificação, que liquefaz qualquer tentativa de reflexão, pois os impulsos do presente são muitos. Olhando por esse prisma, pressentimos um sentimento de nostalgia em relação às câmeras polaroides. Mas vamos deixar de lado a nostalgia e mapear novas plataformas que começam a transformar, por exemplo, o Snapchat em padrão de televisão.

“A tecnociência está cancelando o equilíbrio entre o tempo natural e o tempo humano. Para realizar seu poder sobre o mundo, anulou a distância entre meios e fins”, diz o psiquiatra e filósofo italiano Mauro Maldonato (2012) no livro *Paisagens de tempo*⁴. Um bom exemplo desta anulação de distâncias é o *Snapchat*, rede social, disponível para download no iPhone e para iPad (iOS) e Android, que sugere uma forma diferente de conversar com os seus amigos: as fotos e os vídeos enviados pelo APP só podem ser visualizadas por alguns segundos, depois, desaparecem. O APP desenvolvido por estudantes da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, é o melhor exemplo de presentificação que temos em 2016 e já ultrapassou o WhatsApp em compartilhamento de imagens. Segundo dados da

³ Trecho do Texto de Diógenes Moura, escritor e curador de fotografia da exposição Andy Warhol Superfície Polaroides (1969-1986), para exposição no MIS (Museu da Imagem e do Som), realizada em São Paulo, em junho de 2012.

⁴ Trecho disponível em http://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/221_AS+PALAVRAS+ENTENDIDAS+COMO+SEIVA+E+NUTRICA0

PhotoWorld⁵, 8.796 fotos são compartilhadas por segundo na plataforma. Claro que transpor para formatos digitais processos sociais em curso não é uma tarefa fácil, pois o que chamamos de mídia social hoje compreende, segundo Recuero, “um fenômeno complexo, que abarca o conjunto de Novas Tecnologias de Comunicação mais participativas, mais rápidas e mais populares”, o que exige da pesquisa um caráter de processo em curso que vai documentando durante o mapeamento dos acontecimentos em tempo real. Conforme propõe o antropólogo britânico Daniel Miller, é saudável contemplar a possibilidade de que a internet não existe em si, de que ela é criada de uma forma própria por cada povo, a partir de suas motivações e da maneira como eles a interpretam para responder às suas necessidades particulares como ocorreu no movimento batizado de Primavera Árabe, iniciado primeiramente na Tunísia⁶. É fundamental compreendermos o caráter rizomático⁷ da Internet para analisarmos algumas transformações que estão em curso na configuração da presentificação, seja em novos suportes para o livro ou em movimentos sociais e políticos contemporâneos. Como defendido por Henry Jenkins em seu livro *Cultura da Convergência*, os antigos consumidores eram passivos, previsíveis, indivíduos isolados e seu trabalho era silencioso e invisível. Já os novos são ativos, migratórios, mostram um declínio na lealdade a redes ou meios, são socialmente conectados e seus trabalhos são barulhentos e públicos (JENKINS, 2008). Em primeiro lugar, nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e, entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se organizavam a partir da relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a Internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, um rizoma geolocalizável de ocupação de espaços, que estão em constante movimento, pois vivemos um presente “tagueado”, ou seja, um tempo que pode ser resgatado a qualquer minuto por bancos de dados, mas que não torna-se desejado, pois a presentificação se impõe sobre a memória. O vivenciar torna-se mais importante do que o recordar.

⁵ <https://cewe-photoworld.com/how-big-is-snapchat/>

⁶ A onda de manifestações e protestos, que a imprensa batizou de “Primavera Árabe”, iniciada na Tunísia no dia 18 de Dezembro de 2010, por meio de protestos contra a corrupção policial e maus tratos após a auto-imolação do vendedor de rua Mohamed Bouazizi, por anos assediado pelas autoridades tunisianas. O ato de Bouazizi funcionou como um símbolo de ação para a população, e sua história se espalhou pelo Oriente Médio através do *Twitter* com a *hashtag* #SidiBouazid, alcançando 13 mil tuítes, enquanto a mídia oficial não cobria o que realmente estava acontecendo e o governo tunisiano bloqueava sites e prendia ativistas.

⁷ Conceito definido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Compete-nos desarmadilhar o mundo para que ele seja mais nosso e mais solidário. Todos queremos um mundo novo, um mundo que tenha tudo de novo e muito pouco de mundo. A isso chamaram de utopia. Sabendo que essa palavra contém uma cilada. A palavra “utopia”, que vem do grego, quer dizer o “não-lugar” (em contraponto com o lugar concreto que é o nosso mundo real.) Não sei se poderemos chamar de lugar ao território onde vivemos uma vida que nunca chega a ser nossa e que, cada vez mais, nos surge como uma vida pouco viva. (COUTO, 2008:95-96).

A presentificação dos espaços e das relações

Segundo Milton Santos (1994), “uma cidade materializa características oriundas da relação entre técnica, espaço e tempo”. Em um debate a respeito dos meios técnicos científicos e informacionais, o autor nos permite identificar o impacto que a presença da técnica exerce no espaço urbano. Segundo Santos, é possível considerar a história de uma cidade a partir de sua técnica, então seria possível avaliar o cotidiano da cidade a partir da presença das TICs. O tempo e o espaço da cidade correspondem ao tempo da produção e do consumo, de tal maneira que restam poucas lacunas para a materialização do civismo. Segundo Santos, as cidades contemporâneas seriam cidades sem cidadãos, lugares em que “a lei do novo é também a da conformidade. As estruturas mentais forjadas permitem a abolição da idéia (e da realidade) de espaço público e de homem público” (SANTOS, 1994, p.75). Até agora conseguimos mapear a presentificação nos movimentos sociais e políticos, nas cidades, nas relações pessoais e nas mídias sociais. Nada mais presentificado do que o Instagram. O ato de fotografar vem automaticamente ancorado na vivência: uma imagem gera compartilhamentos e curtidas, mas que jamais será revista, pois novas imagens e novos compartilhamentos irão se sobrepor à aquela.

Essa presentificação agrega algumas granularidades específicas. Depois de seis anos preso em uma cadeia no Irã, o blogueiro iraniano-canadense Hossein Derakhshan, famoso durante os conflitos políticos em 2000 em seu país, não reconhece mais a internet. Preso em 2008, Hossein ficou seis anos sem computador, sem internet, sem rede. Segundo ele, na primeira década do século XXI, vivíamos a "era de ouro dos *blogs*", que eram "o melhor lugar para descobrir ideias alternativas, informações e análises. As pessoas liam atentamente minhas postagens, deixavam comentários pertinentes, mesmo aqueles que eram ferrenhamente contra minhas ideias me liam, outros *blogs* lincavam o meu para discutir o

que eu escrevia [...]”. Em outro trecho da sua postagem na plataforma *Medium*⁸, ele diz que hoje “as páginas da internet que não são hospedadas por redes sociais estão em vias de extinção”. Como diz Jenkins, se algo não se propaga, está morto. O propagar faz parte intrínseca da presentificação.

Hossein ficou chocado, pois "há cada vez menos texto e cada vez mais vídeos e imagens em movimento", marcando a "transição de uma internet-livro para uma internet-televisão". Concordo com ele; as redes sociais, principalmente o Facebook estão se tornando a nossa televisão ao vivo. Não conseguimos ainda medir o impacto da sociedade do vídeo na formação dos seres humanos. Quando, há dez anos, pensaríamos que canais no *YouTube* bateriam a audiência da TV aberta, ou finais de competições gastronômicas como o *MasterChef*, apresentado na rede de TV Bandeirantes, anunciariam o vencedor no *Twitter* antes da TV, alcançando um milhão e seiscentos mil *tuites* só durante o programa final da segunda temporada exibido em 15 de setembro de 2015? A TV paga caiu de 100,9 milhões de domicílios para 97,1 milhões enquanto o vídeo pela internet cresceu de 28 milhões para 50,3 milhões nos Estados Unidos segundo relatório do Instituto Reuters e da Universidade de Oxford, divulgado em fevereiro de 2016. Haveria nisso um paradoxo pedindo uma explicação. De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que potencializam a precisão e a memória digital. De outro a possibilidade de assistir produtos audiovisuais em qualquer lugar e a qualquer momento a partir da internet é o que vem sendo chamado de *TV Everywhere*. O impacto deste conceito sobre os hábitos de consumo é tão evidente que o canal americano HBO anunciou, em janeiro de 2016, que não pretende renovar os contratos de exibição com operadoras de canais fechados na Espanha. Por lá, a programação passará a ser oferecida diretamente a assinantes do serviço online HBO Go, nos mesmos moldes comerciais do Netflix. Se a estratégia funcionar, é provável que o canal adote a mesma conduta em outros países e acabe influenciando novas emissoras a seguirem caminho semelhante, eliminando as operadoras de TV por assinatura. O que acreditamos ser importante ressaltar aqui é que a TV em qualquer lugar é outro exemplo de presentificação, tornando-se referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que se cria, a começar pela própria velocidade (...) Explicações mecanicistas são, todavia, insuficientes. (SANTOS, 2000, p. 17-18). Segundo (VILLAÇA, 2002: 13), uma

⁸ <https://medium.com/matter/the-web-we-have-to-save-2eb1fe15a426>

“série de conceitos precisa ser pensada progressivamente, na articulação dos pares global/local, corporeidade/virtualidade, abertura/controle, certeza/incerteza, simplicidade/complexidade, familiaridade/estranhamento, experiência/entretenimento. Repensar a questão temporal pode nos ajudar a entender o presente efêmero em que vivemos. A imprensa, por exemplo, teve um grande papel de mediação no século XIX, por exemplo, já que as tecnologias de impressão vão fazer das narrativas impressas grandes propulsoras da cultura de massa. E hoje assistimos a mídia social fazendo esse mesmo papel com a comunicação digital que presenciamos na internet. O que a nova “Timeline” do Facebook nos mostra, por exemplo, é que o compartilhamento veio para ficar e virou sinônimo de presentificação e tempo escorregadio. Curtimos para deixar uma marca, mas é uma marca efêmera, só para taguear a presentificação. Mark Zuckerberg criou em 2015 o serviço “Neste Dia” (On this Day), recurso em que você pode ver suas recordações no Facebook. Com ele, qualquer pessoa pode acessar um menu ao lado do “Feed de Notícias” para verificar tudo que deseja recordar. O novo serviço não tem feito sucesso na maior rede social do planeta, já que as pessoas, na grande maioria, não querem lembrar do que foram ou fizeram no passado. Estão preocupadas em construir o presente de uma maneira mais midiática do que dispunham anos atrás.

O livro eletrônico, surgido em 1999, e chamado de Rocket eBook; verdadeira parafernália criada para poupar espaço e transformar hábitos de leitura, como narrou na época reportagem do jornal *O Globo*⁹ também é produto dessa efemeridade. Especialistas apostavam que seria uma revolução similar a que Gutenberg provocara quando montou a prensa com tipos metálicos móveis em 1452. Steven Johnson nos explica que foram mais de 10 anos para a tecnologia ser assimilada pela indústria e ainda ressalta que esse tempo vem encurtando, quase podemos dizer que as tecnologias devem demorar, em média, cinco anos para serem absorvidas. A revista *Wired*, a bíblia de tecnologia e cultura *geek*, por exemplo, lançou em 26 de maio de 2010 sua versão para iPad, vendendo 100 mil downloads da revista digital no site da Apple Store. Para Chris Anderson, editor-chefe da revista e autor dos livros *A Cauda Longa* e *Free*, “as revistas impressas podem ficar ainda mais artesanais, com design especial, em baixa tiragem. Não acho que estamos vendo o fim do papel. (...) A revista digital ganha camadas, profundidade. Você tem duas revistas diferentes, uma vertical e uma horizontal, e mesmo terceira dimensão, com os arquivos de vídeo. Podemos

⁹ "Jornal O Globo, Primeiro Caderno. 11 de novembro de 1998. p.5 e Jornal O Globo Caderno Informática 12 de abril de 1999. p.4."

dizer que é o fim da grande ironia que é uma revista de tecnologia só agora se tornar realmente digital”¹⁰.

Tempo ciclope¹¹

“(…) Aos 18 Claudia já tinha ido e voltado várias vezes: de uma cidade a outra, de um país a outro, de um continente a outro, e também sobretudo da dor à alegria e da alegria novamente à dor. (...) Claudia era cortazariana a não mais poder, embora seu primeiro contato com Cortázar tenha sido na verdade, um desengano: ao chegar ao capítulo 7 de “O jogo da Amarelinha”, reconheceu apavorada o texto que seu namorado costumava recitar para ela como se fosse dele, o que a fez terminar o namoro e iniciar um romance com Cortázar que talvez ainda dure (...)”¹². *O Jogo da Amarelinha* é um romance escrito por Julio Cortázar em 1963, considerado a obra máxima do autor. O assunto principal do livro não são os personagens, mas o próprio livro. Nas palavras do próprio autor, “esse livro é muitos livros, mas é, sobretudo, dois livros”. O leitor pode começar do capítulo 1 e ir até o 56, tendo assim uma bem construída história sobre um triângulo amoroso. Ou pode optar por começar no capítulo 73, e começar a seguir a ordem indicada por Cortázar. Escolhendo a segunda opção (minha preferida), o leitor verá os acontecimentos de Maga, Oliveira, o Clube da Serpente e o narrador, e depois pode ler citações de grandes autores, textos debatendo a literatura atual, artigos sobre os personagens, desvios, recortes de um texto maior. Tudo misturado, pulando capítulos para depois voltar aos mesmos, como se fosse um jogo da amarelinha. Se refletirmos sobre o capítulo 7 do livro de Cortázar, batizado de Ciclope que, segundo a mitologia, significa gigante com um só olho na testa, percebemos que vivemos um tempo ciclope, pois não conseguimos, compartilhar e armazenar ao mesmo tempo. Estamos com um olho só, às vezes, presos a sedução do participar, do ser visto, que o tempo do compartilhamento incessante gera. A fase é transitória, pois estamos mudando o eixo da sociedade industrial para um mundo movido pela presentificação, mas ainda não conseguimos jogar fora nossa velha câmera Polaroid.

“O crescimento da Polaroid Corporation (anos 50) originou agressivas campanhas publicitárias, que incluíram a imprensa e televisão, onde se evidenciava o caráter instantâneo da fotografia Polaroid. Steve Allen

¹⁰ Chris Anderson conversou em 2010 com a revista PLUG, da Editora Abril, em uma de suas viagens para conferências onde passou por São Paulo para falar do lançamento da Wired para iPad.

¹¹ substantivo.masculino. Mito. Gigante com um só olho na testa. Medicina. Monstro com as duas órbitas unidas e atrofia do aparelho nasal..Zoologia.Pequeno crustáceo de águas doces. (Compr.: 2 mm, ordem dos copépodes.)

¹² O ciclope, artigo de Alejandro Zambra, publicado no caderno *Ilustríssima*, do jornal *Folha de S. Paulo*, em 03 de junho de 2012. Tradução: Paulo Werneck.

protagonizou uma das campanhas como It's a Darb! em 1957" (CUNCA: 1963:17).

Depois de Gutenberg, o texto impresso reinou do século XV ao século XIX, período que pode ser chamando como “era das letras”, em que o texto impresso foi o principal produtor e difusor do conhecimento e da cultura. O livro impresso, que era produzido a partir de registros duplicáveis fez com que a informação pouco a pouco fosse algo transportável, transferível. A partir disso, o conhecimento que era reservado apenas a alguns privilegiados fez com que a vida social e cultural sofresse transformações irreparáveis na sociedade moderna. (SANTAELLA, 2007: 286). Em pouco mais de 200 anos o tempo da leitura foi transformado. A ascensão da novela contrabalançou um declínio da literatura religiosa quase sempre em torno da segunda metade do século XVIII, especialmente na época do Werther de Goethe, que provocou uma resposta mais espetacular do que a *Nouvelle Heloise* na França ou *Pamela* na Inglaterra. É o surgimento de um novo público leitor. (VILLAÇA, 2002: 43). Durante o Renascimento, menos de 10% das inovações ocorreram em rede; dois séculos depois, a maioria das grandes inovações surge em ambientes colaborativos. Múltiplos desenvolvimentos provocam essa mudança, a começar pela prensa de Gutenberg, que passa a ter um impacto importante sobre a pesquisa um século e meio depois da chegada da primeira Bíblia às bancas, à medida que ideias científicas vão sendo armazenadas e compartilhadas na forma de livros e panfletos. Os sistemas postais, tão centrais para a ciência do Iluminismo, florescem por toda a Europa; as densidades formais como a Royal Society criam novos centros para a colaboração intelectual. (JOHNSON, 2010: 188-189).

As redes das quais falamos até aqui são redes sociais, formas de organização humana e de articulação entre grupos e instituições. Porém, é importante salientarmos que estas redes sociais estão intimamente vinculadas ao desenvolvimento de redes físicas e de recursos comunicativos. A partir da constatação de que o meio é a mensagem, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas (MCLUHAN, 1964:23), o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu conteúdo é um outro meio. Nenhum meio existe sem depender do outro: (...) nenhum meio tem sua existência ou significado por si só, estando na dependência e na constante interrelação com outros meios (IBIDEM: 42). E que o usuário de uma narrativa está atravessando uma base de dados, seguindo links entre seus registros estabelecidos pelo criador da base de dados. Uma narrativa interativa pode ser entendida como a soma de

múltiplas trajetórias através de uma base de dados (MANOVICH, 2001). Pode-se criar entre as palavras e os objetos novas relações (...). Uma palavra pode tomar o lugar de um objeto na realidade. Uma imagem pode tomar o lugar de uma palavra numa proposição. (FOUCAULT, 1998).

Alguns mantras, remixagens em produtos e um aguçado olhar a frente do seu tempo, fez com que Steve Jobs e sua equipe mudassem a nossa forma de usar tecnologia. Foi assim com música, não será diferente com o livro ou com os movimentos sociais e políticos do século atual. Plataformas de vídeo ao vivo como o Snapchat estão mudando nossa forma de consumir informação. O vídeo ao vivo é um bom exemplo deste século da vivência, em contraposição ao século XX, considerado como o “século da coexistência” pela pesquisadora Lucia Santaella. O tempo presente ganha proporções sem precedentes com os vídeos ao vivo. Neste contexto atual precisamos, como ensinava Gilberto Velho, mergulhar nos problemas de nossos dias, de nosso país, para apalpá-los e percebê-los. “É preciso ter um compromisso com o real, para que possamos conhecer os obstáculos, enfrenta-los, ir ao encontro da vida, dispostos a agir sobre ela, despidos de preconceitos e menosprezando qualquer forma de obscurantismo” (VELHO, 2013: 10). Essa granularidade¹³ proposta por Murray, também foi averiguada por Moherdau¹⁴ em sua tese de doutorado. Para ela, “a arte digital é frequentemente transformada em um processo de estrutura aberta baseado no fluxo de informação e no engajamento do participante. O público se torna parte do trabalho ao remodelar componentes textuais e visuais de um projeto. (...). O problema é que não sabemos lidar com essa mediação presentificada. “Bastaram quatro dias para que as 36 fotos íntimas de Carolina Dieckmann se transformassem em 50 mil em 2012, entre cópias idênticas e imagens levemente modificadas. Elas se espalharam por 211 domínios de mais de 20 países, de acordo com a ONG Safernet. Os números podem ser ainda maiores, pois apenas a web foi investigada, deixando de lado compartilhamentos por e-mails, redes

¹³ Granularity – The size of a chunk of information within a larger unit. Information can be either coarse-grained or fine-grained, composed of larger or smaller chunks. The smaller the chunks the more detail we understand and the greater the degree of precision with which we can reference the resource. For example, if we refer to books by page numbers we are doing it at a finer granularity than if we just refer to the author, title, and date of publication. Semantic segmentation of a resource often results in useful chunking at multiple degrees of granularity. For example, a film can be usefully divided by single frame, line of dialog, continuous shot, or dramatic scene, or DVD chapter.

¹⁴ “Interfaces nômades: uma proposta para orientar o fluxo noticioso na web”, tese de doutorado defendida em 25/05/2012 junto ao programa Comunicação e Semiótica na linha de pesquisa Processos de Criação nas Mídias, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

sociais e plataformas ponto-a-ponto (P2P). No período que vai de 04/05/2012, dia em que as fotos foram parar na Internet, e 8/5, a ONG registrou 8 milhões de acessos a elas”¹⁵.

Considerações finais

Baudelaire escreveu¹⁶ que a modernidade “é o transitório, o fugidio, o contingente; é uma metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável”, o que considero aplicável ao tempo fluxo das primeiras décadas do século XXI. Nem ousa mais catalogar nosso tempo como pós-moderno, pois acho que já rompemos com esta designação também, graças a velocidade crescente do acesso à informação. E em outro momento, o poeta vai dizer que “só podemos esquecer o tempo fazendo uso dele”. E isso presenciamos todos os dias na *timeline* do *Facebook*, por exemplo. Usamos primeiro, pensamos depois. Essa é a máxima das mídias sociais na era da participação, para o bem e para o mal. Para a filósofa norte-americana Judith Butler, professora do Departamento de Literatura Comparada da Universidade da Califórnia, em Berkeley, “às vezes, somos conectados a quem amamos, mas isso não significa que todas as alianças sejam de amor. É possível se conectar para estabelecer o direito de amar e viver livre de problemas, preservando os espaços da vida privada e pública. Mas tudo isso acontece com o compromisso de viver junto, independente das diferenças”. Em poucas décadas, tudo foi sendo varrido e nada mais continua a ser como era antes: o livro não é mais o que era, o jornal não cessa de se transformar, a foto, o cinema e o vídeo se expandem até a perda de quaisquer fronteiras, o futuro da TV virou uma incógnita, as agências de publicidade estão passando por mutações. As relações afetivas também estão sofrendo mutações, pois a presentificação não deixa tempo para as crises, que são inevitáveis. Tudo é efêmero. Um fator que impulsionou esta presentificação foi a evolução do meio internet, transformando os consumidores: “um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (LÉVY, 1999, p.201). Esta busca de informações cresce quando se trata de conteúdos vinculados ao tempo presente (Machado, 2000), pois caso não tenhamos acesso à plataforma necessária para conhecimento do assunto, buscamos formas alternativas para manter a presentificação. A cultura

¹⁵ Trecho da reportagem “Cópias das fotos íntimas de Carolina Dieckmann estão na rede”, publicada em 15 de maio de 2012 no site <http://idgnow.com.br>

¹⁶ “The painter of modern life”, artigo do poeta Baudelaire publicado em 1863.

participativa, apontada por Shirky (2010) mostra estreitamente esta relação entre transmídia e inteligência coletiva, com uso dos meios de comunicação e a mobilização de um todo, seja ela *online* ou *offline*. Não é o jornalismo ou a publicidade que mudaram, mas a sociedade que mudou e as profissões precisam se adaptar a essa nova era presentificada. Como o transporte coletivo também precisa se adaptar. Como as ruas e avenidas também precisam se adaptar para a convivência com as bicicletas. São mudanças tão profundas que ainda não estamos preparados para assimilar todas. Pedimos comida pelo celular, mas também frequentamos feiras de produtos orgânicos. Vamos na balada de música eletrônica e também ouvimos o retrô Belchior enquanto ajudamos na horta comunitária do bairro. Pedimos pizza pelo APP, mas também cozinhamos para os amigos. A gente não é uma coisa ou outra, somos as duas. Achávamos que o ciberespaço estava distante, que o *online* e o *offline* eram coisas diferentes. Isso já não se discute mais. Fica evidente, portanto, a necessidade de um novo olhar para a questão da presentificação que seja capaz de ir além da tendência de enxergá-la e tratá-la de forma compartimentada.

Referências bibliográficas

BRETON, Philippe, Proulx, Serge. **A Explosão da Comunicação**. Lisboa: Bizâncio, 1997.

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

COUTO, Mia. **Espaços Ficcionalis**. São Paulo: Editora Autêntica, 2008.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F., **Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

ECO, Umberto e CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FERRARI, Pollyana. **A força da Mídia Social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. São Paulo: Editora Factash, 2010.

FILATRO, A. **Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FOUCAULT M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

HILLIS, Daniel W. **The Pattern on the stone: The Simple Ideas That Make Computers Work**. Boston: Basic Books, 1998.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**, São Paulo: Aleph, 2008.

JINKINGS, Ivana (Org.) **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

JOHNSON, Steven. **De onde vêm as boas ideias**. Trad. Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

KERCKHOVE, Derrick De. **A pele da cultura**. São Paulo: Editora Annablume, 2009.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo, Editora 34, 1993.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media: The Extensions of Man**. New York: McGraw-Hill, 1964.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MANOVITCH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: The MIT Press, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORAES, Denis, **Mutaciones de lo visible – comunicación y procesos culturales en la era digital**, Buenos Aires: Paidós, 2010.

MURRAY, Janet. **Inventing the Medium: Principles of interaction design as a cultural practice**. London: The MIT Press, 2012.

POSTMAN, Neil.

Tecnopolia. Quando a Cultura se rende à Tecnologia. Lisboa: Difusão, 1993.

OLMI, Alba e PERKOSKI, Norberto. **Leitura e Cognição: uma abordagem transdisciplinar.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Comunicação & Semiótica.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Editora Paulus, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** São Paulo, Hucitec, 1994.

SHIRKY, C. **A cultura da participação.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

-----, **Ontology is overrated – Categories, links, and tags.** O’Reilly Emerging Technology, San Diego, 14-17 mar. 2005. Disponível em <http://bit.ly/tP1YnM>. Acessado em 02/06/2012, às 12h00.

VILLAÇA, Nízia. **Impresso ou Eletrônico? Um trajeto de leitura.** Rio de Janeiro: Mauad Ed., 2002.

THOMPSON, Robert J. **Television’s second golden age: from Hill Street Blues to ER.** Syracuse: Syracuse University Press, 1997.

VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.